

## ENTREVISTA COM PABLO ÁNGEL MEIRA CARTEA \*

Por: Marília Andrade Torales \*\*  
Joaquim Ramos Pinto \*\*\*

*Já há algum tempo vínhamos a conversar sobre a possibilidade de registar as conversas ricas e inteligentes que tínhamos informalmente com Pablo Meira, homem lúcido, comprometido e generoso; sempre disponível a contribuir com os seus conhecimentos e reflexões sobre o papel da educação perante a atual crise ambiental, com todos aqueles que partilham tais preocupações.*

*Com esta oportunidade criada pela edição do número zero da revista “Água e Cultura” encontramos, num dos espaços habituais de convívio na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Santiago de Compostela, um desses momentos para desfrutar do*

---

\* É doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Santiago de Compostela (USC), com prêmio extraordinário de Doutoramento. Na atualidade exerce a função de Professor Titular de Educação Ambiental na Faculdade de Ciências da Educação na mesma universidade. Tem participado como investigador principal nos projetos relacionados com Educação Ambiental: *Possibilidades e limites de um novo paradigma em Educação Ambiental*: contributos do Materialismo Cultural (1986), *Eurosurvey*: estudo europeu sobre conhecimentos e atitudes da infância em relação ao ambiente e à saúde (1994-96), *Estratégia Galega de Educação Ambiental* (1999). Na atualidade dirige uma linha de I+D sobre “*Problemática ambiental global e Educação Ambiental*: as alterações climáticas. É membro da Oficina de Educação Ambiental do Instituto de Ciências da Educação da USC e do Conselho Científico da revista *Tópicos de Educação Ambiental*. Coordena o Programa Interuniversitário de Doutoramento em Educação Ambiental, na USC, no qual também é membro do corpo docente. Entre 2001 e 2003 presidiu a Sociedade Galega de Educação Ambiental. Tem colaborado, como assessor de programas e estratégias de Educação Ambiental, com distintas instituições (Governo da Comunidade Autónoma de Aragón, Ministério de Ambiente, Governo da Galiza, Associação para a Defesa Ecológica da Galiza, Centro Nacional de Educação Ambiental, etc.). É autor e co-autor de mais de 60 artigos, monografias e livros nos campos da Educação Ambiental e da Pedagogia Social.

\*\* Doutora em Educação Ambiental, docente e pesquisadora do Educação, Cultura e Trabalho – Centro Universitario Feevale; pesquisadora do Grupo SEPA – Universidade de Santiago de Compostela; [marilia\\_torales@yahoo.es](mailto:marilia_torales@yahoo.es)

\*\*\* Doutorando em Educação Ambiental e Presidente da Associação Internacional de Pesquisadores em Ed. Ambiental; [j.ramos.pinto@nerea-investiga.org](mailto:j.ramos.pinto@nerea-investiga.org)

*conhecimento que Pablo Meira tem construído ao longo da sua carreira pessoal, social e acadêmica. No contexto brasileiro, a Revista Educação & Ambiente é uma referência no campo da Educação Ambiental, promovendo um excelente espaço de divulgação científica. Os temas dessa entrevista foram surgindo na medida em que as idéias induziam a novas reflexões, num passeio estimulante pelos fundamentos da Educação Ambiental, desde o contexto galaico-português até o olhar sociológico do entrevistado sobre o naufrágio do navio Prestige nas costas da Galícia, sua terra natal.*

**Considerando que a temática central desta entrevista é a Educação Ambiental, gostaríamos de saber como surge o seu interesse por esta área e como foi o respectivo processo de inserção no campo ambiental.**

Em 2002, quando ocorreu a “Maré Negra” provocada pelo naufrágio do navio Prestige nas costas galegas, a primeira imagem que me veio à mente foi uma lembrança que tenho da minha infância em Vigo, quando tinha apenas nove anos. Recordei-me de um acidente daquela época com um navio petroleiro, o primeiro dos cinco que naufragaram nas costas da Galiza nos últimos 30 anos. Este acidente ocorreu na Ria de Vigo, próximo às Ilhas Cies, que hoje em dia fazem parte do Parque Nacional das Ilhas Atlânticas. Recordo-me de estar ajoelhado a observar, desde a minha casa, como o navio ardia. Isto não é a lembrança de alguém que vê uma catástrofe ambiental, mas sim de uma criança que estava impressionada perante o fogo, as explosões e as faíscas provocadas pelo acidente, já que o episódio era bastante espectacular. O navio ardeu durante uma noite inteira. Estamos a falar dos princípios dos anos 70, quando a Educação Ambiental estava começando a ser construída em nível mundial; no entanto, ainda não eram reconhecidas como Espanha e Galiza.

Já na universidade, como aluno da licenciatura em Ciências da Educação, estudando com o Prof. José Antonio Caride, catedrático da Universidade de Santiago de Compostela, tomei consciência de que a Educação Ambiental era um tema reconhecido e que me interessava. A partir daí, comecei a tomar contato com grupos de Educação Ambiental, sobretudo no âmbito da Educação não-formal, e a participar nas atividades que, naquela época, eram predominantemente ações

relacionadas com a conservação da natureza, pois não havia uma visão integral do ambiente. No entanto, creio que foi durante a realização da disciplina de Educação Ambiental que pude me dar conta da complexidade do tema, percebendo que não se tratava apenas de um processo de conservação, mas que ia muito além disso, questionando basicamente a forma como as sociedades contemporâneas interpretam e solucionam a sua interação com o meio.

Já na segunda metade dos anos 80, enquanto desenvolvia a minha tese de graduação, dediquei-me a estudar a relação entre *a sociedade, o ambiente e a cultura*. Entendia que a perspectiva ecológica era fundamental, pois a ecologia abriu o panorama de interpretação do ambiente desde o ponto de vista integral e interdisciplinar; no entanto fazia falta, além dessa visão essencialmente biofísica do ambiente, uma visão sócio-cultural.

### **Esta relação entre sociedade, ambiente e cultura, que sugere no estudo feito, fundamentava-se em que bases teóricas?**

A minha tese de graduação fundamentava-se no estudo de uma teoria antropológica bastante interessante para aquele momento, mas que agora tem estado em segundo plano, que é o Materialismo Cultural. Interessei-me em procurar nas referências de tal teoria, que tenta fundamentar as relações entre ambiente e desenvolvimento cultural, as possíveis contribuições à prática educativa e aos fundamentos teóricos da própria Educação Ambiental. Essa teoria era entendida como uma via para descentralizar o foco da Ecologia e das Ciências Naturais, para contemplar também o âmbito das Ciências Humanas e Sociais.

Voltando à questão anterior, penso que a partir daí tomei consciência de que a temática ambiental me interessava, tanto do ponto de vista científico e acadêmico, como de cidadão que descobre uma questão crítica para a sociedade galega e para a humanidade contemporânea em geral.

### **Como vê as questões ambientais e o processo da Educação Ambiental no contexto galego?**

A Galiza, ainda que esteja na Europa, é uma sociedade periférica em relação ao continente e também ao Estado espanhol. Somos uma sociedade que fez tardiamente a transição à modernidade, deixando de estar baseada na agricultura e com uma economia de subsistência, para

passar a uma sociedade industrial e de serviços. Esse processo de transição concluiu-se na segunda metade do século XX, porque a ditadura de Franco tornou mais lentos os processos de democratização e modernização que já estavam bastante travados na Galiza. Essa condição tem um reflexo no sentido ambiental, pois o território galego preservou alguns valores ecológicos que o atraso e o lento processo da modernidade impediu que se deteriorassem. No entanto, a nossa paisagem é fortemente antropogenizada, pois o homem habitou e transformou intensamente quase todos os ecossistemas, alterou a fisionomia da paisagem, explorou as rias e os ecossistemas costeiros. Em consequência, grande parte dos nossos problemas decorre de um ajuste entre essa forma de transformar a natureza durante séculos e a mudança muito rápida e muitas vezes desordenada para uma economia e uma sociedade moderna. Por isso, um dos problemas ambientais mais graves que temos na Galiza é a forma caótica da gestão e planeamento urbano: temos um alto nível de dispersão da população, com milhares de núcleos que necessitam da satisfação de serviços básicos como o fornecimento de água, o tratamento dos resíduos, a mobilidade e o transporte das pessoas, etc; apesar dos responsáveis políticos já terem conhecimento suficiente para entenderem que era preciso gerir e ordenar o território de uma forma mais pró-ambiental ou sustentável.

**Quando aponta a responsabilidade dos políticos perante as respostas aos problemas ambientais, e voltando um pouco atrás, como avalia a atuação dos mesmos e da sociedade civil no contexto da tragédia ambiental provocada pelo naufrágio do Prestige?**

Como comentei anteriormente, o naufrágio do Prestige foi o quinto acidente que ocorreu nas costas galegas nos últimos 30 anos relacionado com o transporte de petróleo ou de seus derivados. Nas vezes anteriores, que tiveram outra escala, não chegaram a ser consideradas catástrofes, desde o ponto vista da percepção social. As marés negras, na Galiza, começaram no início dos anos 70, com o episódio do navio Polycommander, depois o Urquiola (1976), o Andros Patria (1978) e o Aegean Sea (1992), mas foram tratados apenas como acidentes ou naufrágios. Em algum desses episódios morreram marinheiros e, portanto, constituiu-se também numa tragédia humana, mas a dimensão ambiental não foi tratada para além do momento do acidente. Além disso, não houve nenhuma resposta social da magnitude e

da intensidade que se produziu no episódio do Prestige.

Considero, como uma hipótese interpretativa, que essa reação ativa e pró-ativa, com a mobilização social de um terço da sociedade galega, que já é muito, se pensamos numa população de 2.700.000 habitantes, foi consequência de alguns fatores concretos. Da população que participou nesse processo de mobilização, uma grande parte é formada por uma nova geração, que em parte é produto dos processos de Educação Ambiental. Gosto de pensar nessa possibilidade e acredito que existe um fator de aculturação que está vinculado ao desenvolvimento da cultura ambiental nos últimos 30 anos na Galiza e que, naquele momento crítico, passou a primeiro plano.

Acredito que a reiteração das mensagens, das atividades, das experiências e da presença do tema nos órgãos de comunicação social, mesmo que esses tivessem utilizado alguns estereótipos sobre o ambiente, foi impregnando na sociedade até que o naufrágio do Prestige provocou uma coincidência entre a citada sensibilidade ou capital cultural, que se estava a construir sobre o ambiente, e uma situação crítica. Esta reação teve, inicialmente, um componente emocional muito importante de autodefesa, de reação à lentidão e ineficácia das respostas perante a negação da catástrofe pelas Administrações Públicas, principalmente pelo governo galego. A reação ineficaz das instituições, que supostamente deveriam proteger a população e salvaguardar a qualidade do ambiente, além de não cumprirem o seu papel, tentaram ocultar algumas informações que lhes veio a representar um custo político. No entanto, no entendimento dos cidadãos, essa atitude não fez mais do que reforçar a percepção da catástrofe.

**Com base na sua experiência pessoal, social e política, quais são as suas percepções sobre o acidente do Prestige e que análise faz sobre o mesmo?**

Para mim é muito difícil separar a dimensão académica da pessoal ou da política, por isso quando faço alguma reflexão do ponto de vista académico, trato de fazê-la explicitando quais são os meus critérios de aproximação e de análise. No que se refere ao naufrágio do Prestige, eu focalizei o assunto em uma perspectiva da sociedade do risco e da teoria sociológica que propunha, entre outros, Ulrich Beck, a qual oferece uma proposta de análise muito interessante e que é pouco utilizada em Educação Ambiental. Ele aborda os paradoxos das sociedades modernas,

capazes de produzir altas quotas de bem-estar mas, também, de gerar grandes ameaças, produto desse mesmo bem-estar, sendo a crise ambiental uma delas. Se analisarmos os atuais problemas ambientais, vemos que os mais fortes estão relacionados com o modelo de organização social, da produção e do consumo na sociedade ocidental.

Tratei de fazer uma análise desse episódio a partir de tais constatações, contribuindo com algumas ideias para interpretar o que estava a acontecer, indo mais além do nível emocional. Por exemplo, analisamos um material que tínhamos produzido durante o naufrágio do navio Aegean Sea (1992) nas costas galegas, em que aplicávamos uma série de passos que se costuma seguir no tratamento desse tipo de catástrofe, em nível social e, tratando de aplicar a mesma análise ao naufrágio do Prestige. Constatamos que em ambos os casos as reações das instituições e as reações sociais seguiam os mesmos modelos. Do ponto de vista das instituições, nos dois casos tentava-se controlar a percepção do risco para minimizá-lo, inclusive argumentando que não se podia gerar tensões sociais, pois isso era mau para o estado de ânimo da sociedade. O discurso tratava não de proteger a sociedade, mas sim de que a mesma não percebesse qual era o nível de impacto real de uma catástrofe como a do Prestige ou muitas outras.

### **Que tipo de questões foram levantadas e que materiais pedagógicos foram produzidos e explorados, durante a catástrofe do Prestige na Galiza?**

Um dos resultados mais significativos como reação à catástrofe foi a imensa quantidade de material didático que foi produzido dentro e fora do sistema educativo formal. Não falo só da produção do material em si, mas também da elaboração de estratégias didáticas que vão além do recurso pontual, e que foram dinamizadas pelos centros escolares e por outras instituições ou coletivos. Ainda está por ser feita a sistematização de todo o material elaborado, sobretudo durante o primeiro ano depois da catástrofe.

Em parte, a falta de registos dos trabalhos produzidos deve-se ao processo de minimização do problema e à forma como a informação foi ocultada oficialmente. A reação das escolas e as atividades realizadas pelas mesmas também foram tratadas de forma semelhante. Assim, algumas iniciativas promovidas a partir dos centros de ensino foram boicotadas pela Administração Autonômica, inclusive com ameaças de

processos disciplinares e sanções aos docentes que assumiam algum posicionamento crítico em relação ao que estava acontecendo.

Afinal, foi a sociedade galega que construiu a catástrofe, pois se não tivesse sido produzida uma reação social, estaríamos falando de um naufrágio e não de uma catástrofe ambiental, minimizada até aos níveis mais surrealistas. Por exemplo, até que o governo do Partido Popular deixasse as funções governativas, excluiu-se explicitamente o conceito de maré negra em todos os documentos oficiais relacionados com o Prestige, utilizando alguns eufemismos como substituição à expressão.

**Em 2004, juntamente com José Antonio Caride, publicaram um livro intitulado “Educação Ambiental e Desenvolvimento Humano” traduzido para o português em 2005. Num trabalho de investigação realizado recentemente no âmbito da Rede Lusófona de Educação Ambiental, esse livro foi apontado como um dos mais lidos. Como avalia tal repercussão?**

Eu creio que aqueles que nos dedicamos à produção em campos científicos tão específicos como a Educação Ambiental, e ainda mais propondo uma análise teórica, epistemológica e histórica, escrevemos para audiências muito específicas.

A partir da percepção que tenho do mundo ibero-americano, penso que é uma obra para poucos leitores, pois quase que conhecemos todos pessoalmente. Assim, enquanto escrevíamos o livro, quase nos sentíamos a dialogar através das referências e das ideias com essas pessoas que encontrávamos frequentemente e partilhávamos cursos, congressos ou jornadas científicas. Ao saber que a obra transcende, em certa medida, esses círculos especializados é, de alguma forma, uma surpresa.

A repercussão no mundo lusófono é um valor acrescido. Na obra pensávamos apenas em apontar algumas questões que nos preocupavam em relação à construção teórica e histórica da Educação Ambiental. Sou consciente de que este não é um livro fácil, do ponto de vista temático e da concepção do discurso; creio que é um livro que exige certo compromisso e intensidade do leitor e, nesse sentido, creio que a tradução para o português oferece uma compreensão mais fácil que a versão em castelhano, um mérito do tradutor.

A repercussão na América Latina e no mundo lusófono, em especial, é surpreendente, assim como também o é, pensar que um evento de Educação Ambiental, como foi o V Congresso Ibero-

americano de Educação Ambiental (realizado em abril de 2006, no Brasil), pudesse reunir 3 ou 4 mil pessoas. Constatar que a Educação Ambiental pode gerar experiências ou iniciativas de massa nesse nível, rompe com as escalas que tenho construído, com base na experiência ibérica, na qual reunir 200 ou 300 pessoas, já poderia ser considerado quotas de mobilização altíssimas.

**Atuando como docente numa sociedade avançada ou numa sociedade do bem-estar, como percebe a EA numa análise comparativa entre estas sociedades e outras menos desenvolvidas?**

Ainda que possa resultar contra-intuitivo, creio que fazer uma Educação Ambiental comprometida com a mudança social nas sociedades do bem-estar é mais difícil, pois representa um alerta à consciência dos cidadãos. Um alerta de que a situação de bem-estar em que vivemos está a gerar problemas ambientais gravíssimos no ajuste entre a espécie e a biosfera. Não é fácil dizer a alguém que vive bem, que a sua forma de vida gera problemas e que a solução para tais problemas exige mudanças fundamentais nos modos de vida e na forma como a sociedade se organiza e usufrui do ambiente. Isso tem relação com os modelos de produção, com os modelos sócio-econômicos, com a concepção de sociedade e do mesmo ser humano, isto é; trata-se de um desafio bastante complexo e à contracorrente. Talvez na América Latina a Educação Ambiental tenha um caráter de maior comprometimento, no sentido positivo, pois as pessoas vêem os educadores ambientais como agentes que tratam de melhorar a qualidade de vida, mantendo ou tentando alcançar certas quotas de qualidade ambiental.

Sendo um educador ambiental numa sociedade do primeiro mundo, as atividades que desenvolvo estão destinadas a pessoas que, a princípio, não têm muita motivação para mudar o seu estilo de vida, já que vivem bem; enquanto que no terceiro mundo a Educação Ambiental aparece sempre associada a situações onde se pretende melhorar a satisfação de necessidades básicas, como a saúde, a melhoria da alimentação, o acesso a serviços básicos, melhorias na habitação, etc. Quero pensar que a repercussão do livro que comentávamos anteriormente se deva ao fato de termos sido capazes de propor algumas questões que coincidem com preocupações atuais no campo da Educação Ambiental e sobre o seu difícil papel nesse complexo e assimétrico mundo contemporâneo.



## **Qual a sua perspectiva do campo da Educação Ambiental no contexto lusófono, tendo como referências outros contextos sócio-linguísticos?**

Partindo de uma reflexão geral, gostaria de falar sobre os marcos da Educação Ambiental desde o ponto de vista linguístico. Eu creio que é necessário fazer uma leitura, inclusivamente política, num cenário muito determinado como é o da globalização, para entender as distintas hierarquias que têm as línguas nas que se expressam as comunidades da Educação Ambiental. É óbvio que há uma comunidade hegemônica, a anglo-saxônica, como se pode ver através do volume de publicações, das revistas de referência e que tem relação com o seu nível de desenvolvimento econômico.

A mim não me deixa de surpreender, como pessoa que participa em duas comunidades linguísticas – a hispana e a lusófona –, quando leio autores ou revistas em inglês, de referência no campo da Educação Ambiental, que mais de 99% das suas alusões são também anglo-saxãs, existindo uma ignorância quase total da produção que se faz noutras línguas, e ainda mais da que se expressa em português ou em castelhano. Quer dizer, estamos perante uma comunidade fechada que ignora a produção de outras comunidades linguísticas.

Os autores anglófonos limitam-se a fazer referência a autores de outras comunidades linguísticas quando estes têm algumas produções escritas em inglês passando, dessa forma, de um estatuto de invisibilidade cultural e científica a um estatuto de visibilidade. Eu creio que essa invisibilidade numa situação hierárquica é um problema.

Considero que a comunidade anglo-saxônica da Educação Ambiental com essa atenção seletiva à sua própria produção, está perdendo uma parte importante do resto do mundo, tornando-as até mais frágeis. É um problema que tem e provavelmente não percebe e não entende, porque continua a ser uma referência a que nós, galego, hispano ou luso falantes, recorremos e o certo é que nós mesmos contribuimos para alimentar esse etnocentrismo.

Por outro lado é importante considerar que é cada vez mais relevante, quantitativa e qualitativamente, a produção de outras comunidades linguísticas e que, inclusive, poderia ajudar a evitar certos excessos etnocêntricos.

**Tendo como marco o I Simpósio Lusófono de Educação Ambiental e a Rede Lusófona de Educação Ambiental, como**

## **considera tais espaços para dar visibilidade à respectiva produção científica e práticas de Educação Ambiental?**

A ideia de se criar uma rede lusófona de Educação Ambiental tem, a princípio, a virtualidade de articular o papel de uma comunidade que é periférica. Trata-se, precisamente, de reforçar vínculos e sinergias dentro dessa comunidade e de alargar, em nível mundial, os contributos lusófonos do ponto de vista teórico e prático. Além disso, muitas vezes, essas contribuições são mais inovadoras e interessantes do que aquelas que se produzem no mundo anglo-saxônico, para construir uma Educação Ambiental que leve mais em conta a diversidade mundial do que aquela que se constrói na esfera anglo-saxã falante.

Nesse sentido creio que a Rede Lusófona tem um efeito democratizador da produção e da reflexão sobre a teoria e a prática da Educação Ambiental; pois, possui uma vantagem acrescida, levando em consideração que uma parte importante da comunidade lusófona tem pouco acesso aos campos de produção do conhecimento e da elaboração das grandes diretrizes e das linhas políticas da Educação Ambiental de outras comunidades. Isso foi algo que percebemos muito bem no I Simpósio Lusófono de Educação Ambiental, que celebramos no ano de 2006, em Joinville (Brasil). Dentro da comunidade da lusofonia, também há um conjunto de pessoas e coletivos que fazem e refletem a Educação Ambiental noutras línguas, que tem experiências e ideias muito ricas para transmitir, mas que são invisíveis, dentro desse contexto, por não se expressarem em português.

Compete à Rede Lusófona de Educação Ambiental cultivar uma sensibilidade especial com a diversidade cultural e não aplicar a mesma tendência etnocêntrica a que nos submete a hegemonia cultural e científica anglo-saxônica.

Eu creio que essa rede, através das suas potencialidades, pode contribuir para dar visibilidade às pessoas, às experiências e às culturas que se nelas se expressam, capitalizando o conhecimento, um “saber fazer” e um “saber refletir”, que agora mesmo é absolutamente invisível do ponto de vista do campo da Educação Ambiental.

## **O que considera, então, oportuno para tornar visível a produção em Educação Ambiental da comunidade lusófona?**

Considero que devemos escrever em qualquer idioma; não menosprezando os outros, mas reivindicando a possibilidade que temos

de construir conhecimento válido, científico ou não, nos nossos próprios idiomas. Eu estou a falar não como hispano falante mas sim como galego falante. O galego é o meu idioma materno; somos uma comunidade linguística de dois milhões e meio de falantes implantados no Estado espanhol. Mesmo em tal condição político-geográfica, a comunidade galega tem um forte vínculo com a lusofonia, porque o nosso idioma tem a mesma matriz linguística que o português. O fato de se escrever num idioma minoritário não tem a ver com a qualidade da reflexão; o problema é a comunicação e a divulgação dessa reflexão. Por isso, considero estrategicamente necessário constituir comunidades alternativas e complementares às comunidades dominantes na produção do conhecimento no campo da Educação Ambiental ou em qualquer outro campo. Parece-me, também, que esta é uma forma de democratizar o conhecimento e de permitir a diversificação dos pontos de vista.

### **Considerando o atual contexto social e econômico de uma sociedade globalizada, qual será, no seu entender, o papel futuro da Educação Ambiental?**

Neste momento sou bastante cético sobre o papel da Educação Ambiental como agente de mudança, pelo menos nas sociedades avançadas. Tenho menos claro o seu poder ou a sua capacidade e ação social em sociedades menos desenvolvidas (segundo os critérios ocidentais). Sou muito cético porque, depois duma trajetória de trinta e cinco anos, durante a qual a Educação Ambiental chega a públicos cada vez mais amplos, há mais recursos materiais, há mais educadores, e podemos conhecer melhor as ferramentas metodológicas para sistematizar a prática educativa, esta continua a ser uma atividade subsidiária e muito marginal no que respeita ao funcionamento da sociedade ou daqueles sistemas da sociedade que são centrais. Quero, com isso, dizer que a Educação Ambiental continua a ser um elemento muito secundário na forma em que se definem as relações entre os sistemas humanos e o ambiente, pelo menos nas sociedades avançadas e nos sistemas centrais que têm a ver com a articulação e o funcionamento do mercado – incluído o mercado da cultura e da mal chamada cultura ambiental.

Recorrendo a uma metáfora, podemos dizer que a Educação Ambiental é como o apêndice do corpo humano. A respeito dele especula-se ser um órgão que, em algum momento, teve uma função,

mas por alguma razão evolutiva acabou por deixar de tê-la e só se descobre que existe ou se converte em importante quando se inflama. A Educação Ambiental opera nas sociedades avançadas com essa função aparentemente negativa. Ela só se vê tão relevante quando coloca em evidência algum problema e, ao mesmo tempo que assim procede, mobiliza atores da sociedade sobre o referido problema. Ao mesmo tempo converte-se num problema em si mesma, porque normalmente isso implica colocar em questão estilos de vida, princípios ou sistemas básicos no funcionamento de toda a sociedade. Resumindo, quando a Educação Ambiental se converte em algo importante, é porque há algum tipo de questão que está totalmente desajustada e, muitas vezes, do ponto de vista da ordem estabelecida, a Educação Ambiental passa a ser mais um problema que a solução.

Por outro lado não acredito muito na Educação Ambiental como uma espécie de “bricolage” social, quer dizer: identificamos um problema, desenhamos um material ou um procedimento educativo, aplicamo-lo e podemos resolvê-lo; não, não creio nisso, e penso que quando se focaliza assim, não se trata exatamente de Educação Ambiental, ou pelo menos não é um uso legítimo da Educação Ambiental. Neste caso, é simplesmente uma interpretação tecnocrata de instrumentos que, às vezes, são muito bons, mas que não respondem aos objetivos de mudança e de transformação social que exige a crise ambiental.

**Para terminar, pode nos falar um pouco sobre as suas leituras neste momento e de que forma estão relacionadas com as atuais reflexões teóricas pessoais?**

Agora mesmo estou com a leitura de dois ensaios que não têm a ver diretamente com a Educação Ambiental, mas parecem-me interessantes para compreender qual é o seu lugar no mundo contemporâneo; para entender, por exemplo, um pouco melhor o paradoxo do trabalho pedagógico com sujeitos e coletivos que vivem em sociedades avançadas e que têm, portanto, um nível de satisfação das necessidades básicas muito alto; mas que, ao mesmo tempo, recebem e incorporam na sua identidade as mensagens de alerta que lhes enviamos através da Educação Ambiental sobre a degradação do ambiente local ou global. Essas leituras dão-nos uma visão de como entender a identidade dessas pessoas, além de apontar algumas chaves para penetrar na

contradição entre, por uma parte, a consciência do bem-estar (vivo nesta sociedade do bem-estar) e, por outra, a tomada de consciência sobre a ameaça da crise ambiental, através das suas manifestações biofísicas e sócio-culturais.

As ideias de K. Gergen, em *“El yo saturado. Dilemas de identidad en el mundo contemporáneo”*, mostra-nos como definir a identidade – o “eu” – do sujeito nas sociedades avançadas, abordando um sujeito que convive com essa contradição de fundo e com dilemas da identidade individual no mundo contemporâneo. O autor apresenta uma tese muito interessante de que estamos sobrepassando ou substituímos por extrapolar, ir além... ou outro sinônimo, as duas palavras separadas perdem o sentido) as seguranças do “eu” moderno para um “eu” novo; um “eu” com uma base identitária cada vez mais difusa e muito condicionada pelas novas tecnologias e pela diversidade caótica de “identidades” incompatíveis entre si, que facilitam e difundem as novas tecnologias da informação e da comunicação. Gergen fala de um “eu saturado”, de uma identidade pessoal incomodada e desconcertada pela quantidade de mensagens, informações, interações e comunicações a que nos vemos submetidos no mundo pós-moderno. É uma espécie de identidade fragmentada, uma “anti-identidade”. É com esse sujeito cada vez mais confuso que trabalhamos, os educadores ambientais, nas sociedades avançadas.

Outro livro que me parece muito interessante é *“Colapso”*, de J. Diamond. Creio que este, até certo ponto, oferece uma perspectiva complementar ao livro anterior, com uma visão mais macro estrutural. Jared Diamond apresenta uma análise comparada dos processos de decadência de distintas sociedades humanas, tentando encontrar referenciais históricos, sociais e ambientais para entender como coletivos humanos que se desenvolveram com êxito puderam entrar em decadência, por vezes de forma súbita e aparentemente repentina. Uma das referências comuns ressaltadas em sua análise é o colapso ambiental. Quando uma civilização, por razões internas ou externas, se debilita e a sua relação com o ambiente está de alguma forma desestabilizada, o seu declínio é mais fácil. Em algumas sociedades, a pressão ambiental exercida pela mesma civilização em crise é o fator que precipita o colapso, citando o ocaso da Cultura Mohai da Ilha de Páscoa, um caso que há muitos anos venho trabalhando nas minhas aulas de Educação Ambiental, como exemplo de civilização que “morre de êxito”

ultrapassando os limites ecológicos do ambiente insular à qual estava sujeita. Os paralelismos e as transposições com a situação contemporânea são evidentes: a mesma capacidade de desenvolver a sua civilização no caso de Páscoa e noutros que pormenoriza Diamond foi, também, a causa que os levou a ultrapassar os limites ecológicos dos territórios que habitavam, tendo provocado o seu desaparecimento como civilização ou uma decadência irreversível, sem que, aparentemente, pudessem reverter ou corrigir o processo. Para mim são dois livros muito interessantes do ponto de vista de um educador ambiental.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PRÓPRIAS DO ENTREVISTADO**

*Educación Ambiental y desarrollo humano*. Ariel, Barcelona, 2001 (con J.A. Caride) [*Educação Ambiental e desenvolvimento humano*. Instituto Piaget, Lisboa, 2004]. Coautor con J.A. Caride.

“Problemas ambientales globales y Educación Ambiental: una aproximación desde las representaciones sociales del cambio climático”, en Campillo, M. (Ed.): *El papel de la Educación Ambiental en la Pedagogía Social*. DM, Murcia, 2002, pp. 91-134.

"A catástrofe do *Prestige*: leituras para a Educação Ambiental na sociedade global", en Sato, M. e Carvalho, I. *Educação Ambiental. Pesquisa e desafios*. Artmed Editora, São Paulo, 2005.

“Educación Ambiental en tiempos de catástrofe: la respuesta educativa al naufragio del *Prestige*”. *Educação e Pesquisa. Education and Research*. vol 31, nº 2, 2005, pp. 265-284.

“Só os peixes mortos não conseguem nadar contra a correnteza”. *Revista de Educação Pública*. Vol. 14 nº 25. 2005, pp. 17-32. Co-autor com M. Sato.

“In Praise of Environmental Education”. *Policy Futures in Education*. Vol. 3, nº 03, 2005, pp. 284-295.

### **Referências bibliográficas citadas na entrevista:**

Gergen, K.J. *El yo saturado. Dilemas de identidad en el mundo contemporáneo*. Paidós Surcos, Barcelona, 2006.

Diamond, J. *Colapso: Por qué unas sociedades perduran y otras desaparecen*. Debate, Madrid, 2005.